

Tensão é parte da cidade

Modificar a forma de pensamento, fazer novas pesquisas sobre a metrópole, pensando-a como uma dimensão inteiramente nova da modernidade, onde se desenvolve uma cultura sincrética. Foi esta a proposta trazida ao Riocentro pelo antropólogo Máximo Canevacci, da Università Degli Studi di Roma, La Sapienza. Expressando-se com facilidade em português, o pesquisador italiano disse que o Rio de Janeiro é um cidade fantástica, porque é uma cidade do mundo. Para ele, a cidade industrial tradicional está em processo de dissolução, dando lugar a um novo modelo, onde as identidades individuais se fragmentam. E onde se dão os conflitos que tinham lugar na fábrica. Da mesma forma, em vez de raça, classe, e sexo, na metrópole em mutação, o que se fala é em etnia,

gênero, indivíduo múltiplo. A metrópole também é o palco da tensão permanente entre o processo de globalização e o de localização.

Participando da mesma mesa-redonda -- Cidade, Multiculturalismo e Educação -- o professor de Filosofia da PUC/RJ, Leandro Konder, fez um panorama da visão das cidades desde o século XIX, salientando que elas sempre foram o palco de tensões a vitrina da luta de classes, como definiu. Konder disse ainda que na cidade é preciso ser competitivo, o clima é sufocante, a ansiedade reina, mas os seres humanos querem cada vez mais viver em cidades. Por isso, disse ele, nas cidades, é preciso que todos tenham paridade de direitos aos bens da metrópole. Diante do multiculturalismo, o professor acredita que se devam criar condições concretas capazes de viabilizar uma ação educativa e cultural. Participaram também da mesa, o jornalista Marçal Versiani e a pesquisadora Maria Alice Rezende de Carvaho, do IUPERJ - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.